

‘Peço perdão à família’, diz mãe de homem suspeito de matar PM

Em depoimento a **O DIA**, ela expressou o sofrimento que sentiu quando filho disse que matou o policial

A dor que se abateu sobre a família do PM Derinaldo Cardoso dos Santos, morto na última sexta-feira durante tentativa de assalto a uma loja da Casa & Vídeo em Mesquita, na Baixada Fluminense, também teve reflexos diretos nos familiares do suspeito de ter atirado e matado o cabo. A mãe de Jonathan Santos Targino, suspeito de ser o assassino, pediu perdão à família do policial morto. Ela, que preferiu não ser identificada, disse, em depoimento ao repórter fotográfico de **O DIA** Luciano Belford, que aconselhou o filho a se entregar. “Quando ele me ligava, eu pedia o tempo todo para ele se entregar e ele dizia: “Mãe, me ajuda”. Eu nem sei o que dizer para essa família. Eu peço perdão por ele [Jonathan], e ele vai pagar pelo erro que cometeu”, disse a mãe.

“Estou sofrendo a dor dessa família, sei que não perdi, a dor deles é pior do que a minha, mas estou sofrendo muito. Não criei filho para isso. Eu e a esposa dele resolvemos entregar ele, que a todo tempo queria se entregar, mas estava com medo dos policiais tirarem a vida dele. Meu filho dizia: ‘Mãe, quero me entregar, quero pagar pelo que eu fiz, pelo erro que fiz na minha vida’, lembra ela.

A mulher contou, ainda muito emocionada, que sonha com o perdão da família do cabo Cardoso. “Tenho muita fé em Deus e espero que essa família me perdoe (chorando) pois eu sou mãe. Não fui conivente, não apoiei ele no que fez, nem eu e nem minha nora. Minha nora só faltava ficar maluca”, insiste ela, visivelmente abalada.

A mãe afirmou que quando o filho entrou em contato



A mãe de Jonathan disse que estava em contato com advogado para que ele pudesse se entregar, quando foi surpreendida pela polícia

“

Não fui conivente, não apoiei ele no que fez, nem eu e nem minha nora. Minha nora só faltava ficar maluca”

MÃE DO SUSPEITO DE MATAR O PM

com ela, ele logo disse: “Mãe, eu acabei com a minha vida, eu não queria fazer aquilo, estava em dúvida”. Ela disse que desde o primeiro momento, Jonathan queria se entregar. “Mas estava com medo de alguém fazer alguma coisa com ele, pelo erro que cometeu. Estava na cara”, afirma a mãe.

A mãe de Jonathan diz ainda que a família estava em contato com um advogado para que o acusado pudesse se entregar, quando foi

surpreendida pela polícia. “Só que os policiais chegaram na casa da minha nora no momento em que estávamos conversando com o advogado. Aí eles começaram a falar que ele teria que se entregar, eu falei que ele ia fazer isso. Aí os policiais me disseram: “Ele tinha que se entregar naquela hora “porque não damos até 17h para encontrarmos ele e matar”, acusou a mulher.

Ela diz que ficou desesperada e que conversando com

a nora, aceitou levar os policiais até onde estava o filho. “Eles prometeram para mim que só ia um carro, aí quando vimos atrás, vinha um caveirão. E eu fiquei assustada. Eu falei: ‘Ele não disse que ia se entregar, não estou levando vocês lá? Não precisa disso”, lembra.

“Tiraram foto com ele (Jonathan), ele apanhou. A gente sabia disso, que eles iam fazer isso porque eles estavam revoltados”, afirma a mãe de Jonathan.

Cabo pode receber Medalha Tiradentes

► Os deputados estaduais Anderson Moraes (PSL) e Charles Batista (Republicanos) protocolaram ontem projeto que propõe a entrega ‘post mortem’ da Medalha Tiradentes, a maior honraria do estado, ao cabo da PM Derinaldo Cardoso dos Santos. Também querem criar Diploma Policial Cabo Cardoso, destinado a agentes de segurança pública que atuem de forma significativa na manutenção da vida da população.

Jonathan Santos Targino foi preso no domingo junto com um outro rapaz, identificado como Vagner da Silva, que teria dado cobertura para que os criminosos efetuassem o assalto. No dia do crime, a polícia já havia prendido Jhonny Silva Quirino, que aparece junto com Jonathan em imagens da câmera de segurança do estabelecimento no momento do assassinato. No mesmo dia, agentes apreenderam, em um esconderijo na Vila Kennedy, Zona Oeste, a arma usada para efetuar o disparo.

O corpo de Derinaldo foi enterrado sob forte comoção no último sábado na capela 6 do cemitério Jardim da Saudade, em Sulacap. Ele deixa esposa e dois filhos.

Avó contesta versão da PM: ‘Tenho certeza’

Lídia da Silva Moreira garante que tiros que mataram as duas primas foram disparados por policiais militares

BEATRIZ PEREZ
email@odia.com.br

A avó de Rebecca Beatriz Rodrigues, morta junto com a prima Emilly Victoria, de 4 anos, por bala perdida sexta-feira no Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, rebateu ontem a declaração da porta-voz da PM que negou que os disparos partiram de policiais. Lídia da Silva Moreira diz ter certeza que os tiros foram dados por militares. “A gente não acha, a gente tem certeza. Não houve confronto, ou tiro (de bandido). Era um dia comum, uma sexta-feira. Se tivesse tiro não deixaríamos as crianças no portão. Elas estavam com supervisão, não estavam sozinhas”, diz a avó.

Lídia ressalta que a polícia ainda não voltou ao local do crime fazer perícia. “A Rebecca viu meu ônibus chegar. Estava com o tio, os primos. Quando o ônibus parou, o tio falou para a menina que no veículo estaria eu ou o pai dela”, lembra.

A porta-voz da PM, Gabriela Reis Dantas, disse ontem que seria leviano responsabilizar PMs pela morte de Emily Victória Silva dos Santos, de 4 anos, e de Rebecca Beatriz Rodrigues dos Santos, 7 anos. “Neste momento seria le-

viano levantar qualquer suspeita de que a morte das meninas tivesse alguma correlação com deslocamento dos policiais”, afirmou a militar.

Os cinco PMs, segundo a porta-voz, se foram à comunidade para atender a chamado por furto de carro. A tenente-coronel diz que os militares aceleraram a viatura para deixar o local, após ouvirem disparos. A família das vítimas garante que os tiros partiram dos policiais e que eles não teriam prestado socorro. A porta-voz disse que os agentes são orientados a não entrar atirando em comunidades.

A avó de Rebeca contou que ouviu os disparos e viu o momento em que PMs saíram do local em uma viatura. Ela afirma que viu a sobrinha baleada na cabeça e sem vida. E que os policiais atiraram e não prestaram socorro. “Eu ouvi os disparos. Vi que tinha uma viatura da PM que saiu logo depois. A Polícia chega atirando, não pensa nos moradores. Eram crianças que brincavam na porta de casa”, disse.

A Delegacia de Homicídios da Baixada instaurou inquérito. Os cinco PMs foram ouvidos e tiveram cinco fuzis e cinco pistolas apreendidos para confronto balístico.



Lídia Moreira afirma que os policiais militares atiraram nas duas meninas e não prestaram socorro

Pai diz não acreditar na Justiça: ‘Vai ficar por isso mesmo’

■Alexsandro dos Santos, pai de Emily Victória Silva dos Santos, de 4 anos, e tio de Rebeca Beatriz Rodrigues dos Santos, 7, mortas na última sexta-feira após serem atingidas por bala perdida na comunidade do Barro Vermelho, em Jardim Gramacho, Duque de Caxias, disse não acreditar que a filha e sobrinhas terão justiça. “Eu acredito que vai ficar por isso

mesmo. Pelas estatísticas, só esse ano 12 crianças foram mortas e até agora ninguém foi julgado e preso”, afirmou Alexsandro.

No último domingo, a família e amigos das duas crianças fizeram um protesto na Praça do Pacificador, também em Caxias. Centenas de pessoas que estiveram no local, gritavam por justiça e levantavam cartazes com dizeres como: “Parem de matar nossas crianças”,

“vidas negras importam” e “a comunidade hoje chora”.

A ONG Rio de Paz acompanha os casos de crianças mortas vítimas de armas de fogo desde 2007. A organização contabiliza, desde então, 79 vidas tiradas de crianças e adolescentes no Rio, a maioria delas por balas perdidas. Só este ano de 2020, a Rio de Paz listou 12 casos, uma média de uma morte por mês.

Idoso preso com vídeos de pedofilia

Homem de 74 anos tinha em casa mais de 600 vídeos

Policiais da Delegacia de Proteção À Criança e ao Adolescente (DPCA) em Niterói prenderam ontem um homem de 74 anos que tinha em casa vídeos de conteúdo infanto-juvenil. Durante a investigação foi constatado que ele baixou cerca de 600 vídeos com conteúdo de pedofilia.

A Operação Revelação teve objetivo de identificar e prender responsáveis por baixarem e, possivelmente, transmitirem fotos e vídeos com cenas de pedofilia.

As investigações duraram cerca de três meses e foram cumpridos três mandados de busca e apreensão de computadores e outros dispositivos eletrônicos como celulares. O preso foi encaminhado para SEAP e está à disposição da Justiça.